

# *Almas ousadas, naturezas impetuosas: crime e degenerescência na literatura de Bram Stoker (1847-1912)\**

EVANDER RUTHIERI DA SILVA\*\*  
História da Universidade Federal do Paraná

**Resumo:** Na segunda metade do século XIX, letrados, médicos e juristas fizeram amplo uso da cultura escrita e literária para problematizar as dimensões sociais e biológicas do crime, em narrativas sintomáticas de suas preocupações a respeito dos problemas urbanos. Este estudo detém-se sobre dois textos literários do anglo-irlandês Bram Stoker (1847-1912), *The Primrose Path* (1875) e *The Secret of the Growing Gold* (1892), ambos publicados na imprensa periódica, os quais evidenciam as interpretações do literato a respeito da figura social do criminoso a partir de apropriações de teses degeneracionistas e de preocupações de âmbito racial.

**Palavras-chave:** Bram Stoker; História e literatura; Criminologia.

**Abstract:** In the second half of the nineteenth century, writers, medical doctors and jurists made extensive use of written and literary culture to discuss the social and biological dimensions of crime, in narratives symptomatic of their concerns about urban problems. This study analyses two literary texts by the Anglo-Irish writer Bram Stoker (1847-1912), *The Primrose Path* (1875) and *The Secret of the Growing Gold* (1892), both published in the periodical press, which show the literary interpretations about the criminal man based on appropriations of degenerationist ideas and racial concerns.

**Keywords:** Bram Stoker; History and literature; Criminology.

---

\* Recebido em 17/09/2016 e aprovado para publicação em 03/04/2017.

\*\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). E-mail: [evander.ruthieri@gmail.com](mailto:evander.ruthieri@gmail.com).

## Introdução

A aproximação entre história e literatura integra um contexto de ampliação dos objetos e problemáticas de pesquisa das quais dispõem os historiadores em seu afã de investigar a experiência humana no tempo pretérito. Desta perspectiva, que observa os textos literários enquanto objetos culturais dotados da capacidade de fornecer indícios fragmentários e expressões verossímeis das formas de tradução e ressignificação de vivências cotidianas, embates sociais e culturais, deriva uma atenção redobrada ao escrutínio minucioso da ficcionalidade, para historicizá-la e conectá-la aos processos históricos associados às suas circunstâncias de produção, circulação e leitura. A análise de textos literários, sugerida tanto pela história da cultura escrita quanto pela história do livro e das práticas de leitura, parte de uma óptica teórico-metodológica atenta à proposta de problematização do “trabalho literário sobre o mundo social” (CHARTIER, 2003, p. 103), com ênfase na interdependência entre a “construção discursiva do social e a construção social dos discursos” (CHARTIER, 2002, p. 97).

Ao longo do século XIX, particularmente em centros urbanos como Londres ou Paris, literatos e romancistas fizeram amplo uso da cultura escrita ao promover suas interpretações das experiências da modernidade e para circunscrever os lugares de vulnerabilidade social. Assim como muitos médicos e juristas daquele período, envolveram-se nas investigações e especulações a respeito dos elementos determinantes do crime e da delinquência, diante de um crescente senso de ameaça e insegurança, dos medos e inquietações produzidos a partir de figurações das metrópoles enquanto ambientes labirínticos e conflituosos. O foco analítico nesta relação entre narrativas literárias e sensibilidades modernas, com atenção às formas de “tradução sensível das emoções e sentimentos” (PESAVENTO, 2004, p. 223) promovidas pela literatura, deixa em relevo componentes simbólicos pertinentes à “estruturação do vínculo social” (RICOEUR, 2007, p. 198), cingidos por articulações incessantes entre narrativas ficcionais e elementos da realidade nos processos de ressignificação do mundo social.

A literatura oitocentista, em especial o romance folhetinesco<sup>1</sup> difundido na imprensa periódica, tornou-se um importante elemento nos esforços de homens e mulheres para compreender as intensas transformações históricas no período. Diante do fenômeno das multidões urbanas, associadas por diversos observadores sociais às massas politicamente revolucionárias e alheias a quaisquer tentativas de racionalização ou planejamento, a palavra escrita e impressa visou localizar os estigmas característicos dos indivíduos perniciosos, indagando-se a respeito das suas paixões e motivações, vícios e taras. Simultaneamente, as ficções literárias que se digladiaram em torno do problema da criminalidade lançaram fundamentos para certo senso de protagonismo, ao deixar em relevância, por um lado, o olhar do literato, transformado em observador privilegiado da cidade, e, por outro, dos seus leitores e leitoras, convertidos em testemunhas partícipes dos crimes narrados e das dimensões imaginárias da metrópole.

Indagações literárias em torno do crime e da degenerescência, por intermédio de discursos e imagens capazes de denunciar os componentes bárbaros e primitivos da condição humana moderna, encontram-se presentes nas tramas folhetinescas do romancista anglo-irlandês Bram Stoker (1847-1912), intelectual privilegiado na análise em questão. A incorporação de noções oriundas da criminologia oitocentista, informadas por preceitos de degenerescência racial, numa constante ameaça de regressão, declínio mental e comportamental, evidenciam as inquietações sociais do literato em questão, particularmente em seu folhetim *The Primrose Path* (1875) e no conto *The Secret of the Growing Gold* (1892), focos de problematização

---

<sup>1</sup> No final do século, os romances serializados, ou folhetins, apresentavam uma série de características pertinentes ao gênero textual: “o folhetim ficcional inventando fatias de vida servidas em fatias de jornal, ou os *fait divers* dramatizados e narrados como ficção, ilustrados ambos com essas gravuras de grande impacto, ofereciam às classes populares o que desde os tempos da oralidade e das folhas volantes as deleitava: mortes, desgraças, catástrofes, sofrimentos e notícias”. Apesar do apelo às classes populares, Marlyse Meyer enfatiza a existência de uma grande variação de públicos, tiragens e posicionamentos sociais ou políticos por parte dos folhetinistas e de seus personagens, os quais atuavam, de sobremaneira, como estruturadores e agenciadores de uma “história para se estender no tempo, apresentada em picadinhos cotidianos a um espectador que, [...] é ao mesmo tempo destinatário e determinador dos rumos dessa história” (MEYER, 1996, p. 224-235).

deste artigo. Os perfis criminosos elaborados por Stoker em seus romances evidenciam a aproximação das narrativas literárias e das proposições científicas vigentes no último quartel do século XIX, demarcadas por uma sensibilidade orientada aos elementos capazes de identificar a mácula degeneradora de seus personagens.

### **Bram Stoker e o “caminho primaveril”: o caso anglo-irlandês**

A produção historiográfica recente no campo da chamada história cultural do crime tem se atentado aos discursos e processos culturais que mobilizaram vocábulos capazes de identificar e nomear os personagens que, por meio de práticas e representações tramadas no mundo social, almejavam atribuir sentido a sentimentos contraditórios e complementares, intrínsecos às experiências da modernidade urbana, sobretudo o medo e a angústia. Atenção redobrada foi concedida a estudos interessados nas discussões intelectuais e nos debates letrados que alteraram e ressignificaram as próprias concepções sociais do crime e do criminoso, particularmente em produções culturais que não se enquadram em dimensões estritamente jurídicas e penais no longo século XIX. Neste sentido, a literatura e a imprensa periódica oitocentista, responsáveis por fornecer visibilidade às novas formas de sociabilidades e sensibilidades que se constituíam nos centros urbanos, revestem-se de inegável importância enquanto fontes históricas para o escrutínio dos investimentos sociais na “construção de um imaginário do crime e, principalmente na experiência da modernidade, de um crescente sentimento de insegurança” (BRETAS; GRUNER, 2016, p. 6).

O escopo analítico direcionado às narrativas literárias enquanto fontes de apreensão e constituição de novas sensibilidades urbanas na segunda metade do Oitocentos encontra-se alinhavado a uma perspectiva que observa as ficções como “materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo” (FERREIRA, 2009, p. 61). Destarte, a análise opta por um aporte teórico-metodológico atento às relações entre

textos e contextos de produção intelectual, no intuito de conectar as produções literárias, revestidas de laços intertextuais, aos debates que, entre médicos e juristas, artistas e literatos, visavam compreender as experiências de diversos grupos sociais urbanos e a questão da criminalidade no período histórico em questão.

Paradigma literário característico da cultura escrita no cerne do longo século XIX, a serialização de romances e novelas sob o formato de folhetins destacou-se na constituição de práticas de leitura e dos gostos de muitos leitores. Desde seus precedentes na imprensa francesa na metade da década de 1830, os romances folhetinescos, que ocupavam as colunas inferiores nas páginas dos impressos, evocaram, por intermédio dos dramas de personagens pertencentes a diversas classes, uma função claramente exploratória, ao identificar os problemas estruturais, os dilemas políticos e os atritos sociais em um ambiente urbano. No caso francês, narrativas da miséria, de suicídios e da loucura operária evidenciavam os temores e as ansiedades de muitos letrados com relação às consequências sociais e aos dissabores políticos que se seguiam aos processos revolucionários (MEYER, 1996). Simultaneamente, os folhetins e a imprensa dos *fait divers*<sup>2</sup> auxiliavam a constituir um senso de experiência partilhada, a partir do qual leitores e espectadores poderiam se imaginar enquanto parte ativa na cultura metropolitana devido ao constante contato com a evidência visual e textual de sua existência (SCHWARTZ, 1998, p. 6).

A expansão e consolidação da imprensa periódica, somada à diversificação do mercado livreiro, ilustrado, por exemplo, pela emergência das *circulating libraries* e das *railway libraries*,<sup>3</sup> contribuiu para a formação de uma comunidade de leitores ampla e heterogênea, bem como de uma

---

<sup>2</sup> Jargão jornalístico utilizado para designar, no contexto da imprensa francesa do século XIX, eventos extraordinários e sensacionalistas, ao exemplo de crimes violentos e homicídios.

<sup>3</sup> Fenômeno editorial característico dos séculos XVIII e XIX, as *circulating libraries* ofereciam o empréstimo temporário a livros a partir de um valor pago pelos leitores. As *railway libraries*, populares na metade do século XIX, constituíam um nicho de livrarias aglomeradas nas estações de trens ao longo do território britânico (Cf. ELIOT, 2005, p. 37-60).

“cultura urbana” (MOLLIER, 2009, p. 535). A literatura de entretenimento desempenhou papel importante na constituição de um imaginário social em torno da figura do criminoso urbano, sobretudo na segunda metade do século, momento de emergência de campos de conhecimento científico dedicados ao estudo da delinquência, qual seja, a criminologia, que passou a informar, e simultaneamente ser informada, pela escrita de muitos romancistas. Para diversos intérpretes oriundos das classes médias inglesas, o empobrecimento das condições de vida e da economia urbana, bem como o recrudescimento do índice de criminalidade, poderiam ser explicados em termos biológicos, em especial com a aceitação das teorias darwinistas e de suas vulgarizações. O léxico da desmoralização, de forte cunho religioso, foi substituído de modo gradual por uma ideia de degenerescência urbana, caracterizada por aspectos sugestivos de uma sensação de anarquia social nas metrópoles. Esta nova “raça” urbana era interpretada como desordeira e violenta, associada às manifestações de operários ocorridas em Londres na metade da década de 1880, bem como os ataques de grupos separatistas irlandeses, comumente retratados na imprensa como criaturas atávicas e propensas a atos perniciosos (PICK, 1996, p. 201-202).

A formulação de métodos capazes de identificar criminosos ou delinquentes em potencial levou a uma ampla inquirição a respeito das suas peculiaridades internas e externas. Césare Lombroso, considerado como um dos fundadores da escola criminológica italiana na década de 1870, fez amplo uso de métodos antropométricos e inquirições anatomopatológicas: medidas de crânios, pesos de cérebros e corações, tamanhos de ossos, incidência de pelos em determinadas partes do corpo, figuravam entre as características destacadas em seu estudo seminal, *L’Uomo Delinquente* (1876). O “problema da natureza e da origem do criminoso”, ele o vislumbrou ao descobrir “no crânio de um delinquente toda uma série de anomalias atávicas [...] que os caracteres dos homens primitivos e dos animais inferiores voltam a se reproduzir em nossos tempos” (LOMBROSO, 1906, p. 665-666). Dentre os ingleses, estas discussões acerca do tratamento do crime ocorriam em periódicos médicos, ao exemplo do *Journal of Mental Science* e o *British Medical Journal*, e receberam importante contribuição com a publicação de *The Criminal*

(1890), do médico Havelock Ellis. A atenção aos detalhes fisiognômicos como uma possibilidade de identificar os tipos criminosos – a sensibilidade do olhar – foi uma dentre as várias técnicas sugeridas pela criminologia, rapidamente incorporadas por muitos literatos contemporâneos.

Afinal, os romancistas do século XIX exploraram uma imensidade de temáticas e demonstraram uma acentuada preocupação com as questões sociais e as experiências culturais de seu tempo. Estes literatos “estudaram as manobras dos arrivistas sociais e as aventuras de viajantes nos trópicos, as seduções do poder e o consolo da religião”, de modo a transformar “seu tempo na era do romance da sociedade” (GAY, 2000, p. 120). A interpretação do mundo social a partir de fontes literárias ou dotadas de certa literariedade pressupõe que tais narrativas culturais promovem ressignificações do tempo vivido, compondo impressões fragmentárias e verossímeis de formas de agir, sentir e pensar de determinado contexto histórico. O ponto de partida, portanto, concerne à recusa de uma perspectiva que vislumbra na ficção literária certa áurea de abstração e atemporalidade, em favor de uma análise que observe os textos enquanto parte integrante das ações dos atores sociais, sobretudo, em “seu papel na compreensão dos processos históricos” (REVEL, 2009, p. 119). Tal foco de problematização das fontes literárias norteia a análise dos romances folhetinescos de Bram Stoker, personagem destacado para a inquirição das narrativas de crime e degenerescência enredadas no diálogo entre textos ficcionais e proposições da criminologia finissecular.

A trajetória intelectual do romancista iniciou-se entre as décadas de 1860 e 1870, com a publicação de romances folhetinescos em periódicos dublinenses e londrinos, a exemplo de *The Crystal Cup* (1872) na revista *London Society* e *The Primrose Path* (1875), no impresso *The Shamrock*, além de críticas teatrais em impressos locais. Suas primeiras incursões ao mundo das letras ocorreram durante a graduação em Matemática, no Trinity College de Dublin, instituição responsável pelo envolvimento de Stoker com associações esportivas e intelectuais. Após atuar enquanto escriturário em setores públicos da administração dublinense, foi empregado pelo ator inglês Henry Irving nas funções de secretário pessoal e tesoureiro do Lyceum Theatre em Londres, cidade em que passou a residir a partir

de 1878. A publicação da coletânea de contos infantis intitulada *Under the sunset*, em 1881, demarcou o interesse do romancista por elementos da literatura gótica, predominantes em parte significativa de sua produção literária posterior. Em linhas gerais, Stoker publicou romances sentimentais e aventureiros, ao exemplo de *Miss Betty* (1898) e *Lady Athlyne* (1908), e novelas de horror, notadamente *Dracula* (1897) e sua última obra literária, *The Lair of the White Worm* (1911), pouco antes de seu falecimento em abril de 1912 (BELFORD, 1995).

Tanto em sua produção estritamente ficcional, quanto em seus textos ensaísticos, Stoker evidenciou um interesse ávido pelos condicionantes biológicos ou dimensões sociais da criminalidade, e não hesitou em mobilizar referências a Césare Lombroso e ao que denominava como uma “filosofia do crime” (STOKER, 1994, p. 405) ao discutir seu personagem vampiresco em *Dracula*. Pois, como afirma sua personagem Mina Harker, “o Conde é um criminoso e do tipo criminoso. [...] Nordau e Lombroso o classificariam desta forma, pois se trata de um criminoso cuja mente é de formação imperfeita. [...] Seu intelecto é limitado e suas ações baseadas em egoísmo” (STOKER, 1994, p. 406-407). Na biblioteca particular do romancista, tal qual informado pelo catálogo de livros produzido postumamente, constava uma cópia em cinco volumes da edição inglesa dos *Essays on Physiognomy* (1789), de autoria de um dos principais representantes das leituras fisiognômicas no século XVIII, o teólogo e poeta suíço Johann Kaspar Lavater (CATALOGUE..., 1913, p. 6). Apesar de ser considerada pelos cientistas do século XIX como uma arte anedótica, excêntrica ou obsessiva e ter perdido o seu vigor científico, resquícios da fisiognomia perduraram nas instituições dedicadas à identificação civil e policial, por meio de técnicas de medição antropométrica ou datiloscópica. Ademais, os princípios da fisiognomia eram análogos aos métodos mobilizados pelas ciências dedicadas ao estudo da variação racial, isto é, a tendência em buscar nos sinais externos os indícios da inferioridade ou superioridade racial.

Esta sensibilidade atenta aos detalhes reveladores fazia parte de um campo de saberes indiciários que foram reafirmados ao longo do século XIX, a partir de um modelo inspirado na semiótica médica e que se espraiou, por exemplo, nos métodos de identificação criminal, na crítica de arte ou na



literatura policial (GINZBURG, 1989, p. 143-180). De modo semelhante, os primeiros estudos no campo da psicologia social, com atenção particular ao fenômeno das multidões, estavam igualmente inspirados na fonte “fértil, embora igualmente discreta, da fisiognomia” (GRUNER, 2012, p. 167). No caso das técnicas de identificação criminal, a atenção aos detalhes fisiognômicos pode ser circunscrita, por exemplo, na rigorosidade técnico-científica do método antropométrico desenvolvido na França por Alphonse Bertillon ou nas pranchas ilustradas que acompanhavam os estudos de Césare Lombroso na década de 1870, articulando a um só tempo preocupações nítidas com o crescimento desenfreado dos centros urbanos, os avanços tecnológicos – mormente o uso da fotografia para registro policial – e a difusão das doutrinas raciais, pautadas em princípios de variação e hierarquização humana.

As distinções raciais tornavam-se variações identificáveis por meio das chamadas “fisiognomias etnológicas”, conceito oitocentista que postulava a possibilidade das identidades sociais ou nacionais serem vislumbradas por detalhes constituintes da aparência física dos indivíduos (GLOVER, 2009, p. 236). A apropriação destes modelos epistemológicos na escrita literária de Bram Stoker pode ser identificada, por exemplo, na caracterização de seus personagens criminosos, ao exemplo de Edgar Caswall no último romance *The Lair of the White Worm*, um homicida louco e fruto de um caldo de misturas raciais. Sua fisiognomia era dotada “com as forças e as fraquezas de uma natureza aquilina” (STOKER, 2008, p. 207), e dentre as características mais marcantes constavam “vasta força física e resistência”, bem como o “cabelo negro e espesso que se estende até o pescoço” (STOKER, 2008, p. 13), traços sugestivos da miscigenação e da alteridade racial, pois a coloração era associada, por alguns médicos e antropólogos oitocentistas, ao declínio da raça entre as populações anglo-saxônicas.

Anglo-irlandeses como Bram Stoker não estavam alheios às tipificações fisiognômicas que, informadas por um emergente racismo pseudodarwinista, observavam na chamada “raça irlandesa” um amontoado de características negativas. É o que afirmava, por exemplo, o médico e antropólogo londrino John Beddoe, ao tratar a respeito das variações raciais no arquipélago britânico na década de 1880. Com base em métodos

antropométricos, Beddoe e outros contemporâneos almejavam conferir forte cientificidade ao estudo das raças, sobretudo no que dizia respeito às levadas migratórias que teriam miscigenado para formar a “raça irlandesa”. Dentre os traços fisiognômicos que Beddoe acreditava integrem o tipo irlandês, estavam os olhos negros, narizes sinuosos e proeminentes, além de uma “cabeça larga”, “pouca inteligência” e uma “grande dose de suspeição e destreza” (BEDDOE, 1885, p. 10). Ao corresponder-se com o poeta norte-americano Walt Whitman em missiva redigida em 1872, Stoker parecia estar certo de que sua racialidade poderia ser identificada graças a “uma larga testa sobre minhas sobrancelhas”, além de um “grande maxilar e uma grande boca”, embora dotado de “muito autocontrole” e ser “naturalmente introvertido ao mundo” (TRAUBEL, 1953, p. 183). *The Primrose Path*, o qual integra as primeiras incursões do anglo-irlandês ao campo da cultura literária, reveste-se de importância para compreender as interpretações de Stoker no que concerne às articulações simbólicas e efetivas entre crime e degenerescência racial, particularmente no âmago da “raça irlandesa”.

Serialized em um periódico nacionalista irlandês em cinco capítulos, a narrativa de *The Primrose Path*, protagonizada pelo carpinteiro dublinense Jerry O’Sullivan, combina um leque de temáticas sociais em voga naquelas décadas: a imigração irlandesa, a criminalidade urbana e o alcoolismo. Jerry decide migrar para Londres, com sua esposa Katey e os três filhos, após receber uma dúbia proposta de emprego em uma decadente companhia teatral sediada em um bairro empobrecido da metrópole. Apesar das esperanças e do otimismo inicial de Jerry, Londres demonstra ser um centro urbano labiríntico, acinzentado e repleto de contrastes sociais: “a vizinhança era excessivamente pobre, e a quantidade de miséria e imundice prevaleciam”, de modo que Katey rapidamente percebe que “a grandeza, a riqueza e a potência possuíam seus contrapontos no crime, na pobreza e na doença” (STOKER, 1875, p. 316). As más-companhias de Jerry, seus colegas de ofício, conduzem o carpinteiro dublinense para a taverna, inculcando nele as sementes do “grande mal irlandês”, qual seja, o alcoolismo, elemento integrante de muitas das narrativas de racialização de irlandeses na segunda metade do século XIX.

A taverna inglesa é descrita como um antro de degradação social, repleto de homens que agem de modo animalesco e selvagem. O proprietário do estabelecimento é exposto em termos patológicos, devido a “mais repulsiva face que ele [Jerry] já havia visto: uma face tão recaída e distorcida, com as narinas e os lábios devorados com algum tipo de cancro, que o fazia parecer-se mais com uma caveira do que um homem vivo” (STOKER, 1875, p. 317). Após uma série de desafortunados incidentes, Jerry sofre um acidente que o incapacita para o trabalho. As greves em Londres tornam o desemprego em uma realidade para o irlandês, cada vez mais afetado pelo alcoolismo, capaz de trazer à tona sua face cruel e violenta. Até mesmo Katey, enfraquecida pelo trabalho constante, é confundida como bêbada por um policial, o qual “com o instinto de sua profissão, que percebe o crime em qualquer caso dúbio, procurou assistência e a levou para a estação mais próxima” (STOKER, 1875, p. 363). Após Jerry ser igualmente preso e absolvido, uma violenta crise de ciúmes e um estado de insanidade acometem o irlandês, que assassina a esposa diante dos olhares aterrorizados de seus filhos. Ciente de seus atos e das consequências, Jerry comete suicídio, ao rasgar a garganta com um afiado cinzel no desfecho trágico do folhetim.

Em *The Primrose Path*, persistia uma interpretação do crime enquanto elemento nato, afinal, “o poder do mal possui um lar em cada coração humano”. O caso de Jerry O’Sullivan, descrito no segundo capítulo, demonstra que se tratava de uma “natureza sensual, embora sempre mantida sob controle”, demarcada por duas qualidades “as quais, contudo, nem sempre são expressas, e ainda assim são poderes dominantes – a teimosia e a crueldade” (STOKER, 1875, p. 213). Stoker, ao refletir sobre o caráter irlandês, sugere que a “natureza sensual” de O’Sullivan era hereditária, pois o “tempero da teimosia estava na natureza” de sua mãe e “dela Jerry havia herdado” (STOKER, 1875, p. 315). Os aspectos hereditários não eram novidade para os intelectuais do século XIX, pois evocavam uma combinação de preceitos morais e cristãos, e proporcionavam de modo simultâneo uma avaliação científica de como os pecados cometidos pelos pais eram punidos nos filhos. A hereditariedade e o germe da criminalidade presentes em Jerry O’Sullivan foram acentuados pelo ambiente decadente

da taverna e por seu vício alcoólico, capazes de levar um outrora honesto operário irlandês à total ruína e ao homicídio. Por isso, Stoker evoca, do modo complementar, explicações socioambientais e biológicas ao alcoolismo e ao crime, simultaneamente enfatizando, em uma narrativa de emigração, a vulnerabilidade do irlandês aos males e vícios metropolitanos.

O folhetim compartilha uma série de características em comum com outras formas de narrativas, ao exemplo das crônicas policiais popularizadas no período com o impresso semanal *The Illustrated Police News*, fundado em 1864. Em primeiro lugar, um esforço para interpretar as causas do crime: os vícios de Jerry O'Sullivan, presentes em sua "natureza sensual", vieram à tona no ambiente social degradado de Londres, capaz de extasiar o imigrante irlandês com seus pavimentos acinzentados e ruas movimentadas. Assim, se recrudescer uma sensação de que a criminalidade era biologicamente determinada e inerente ao tipo irlandês, noção alinhavada aos preceitos racialistas hegemônicos naquele contexto, as condições sociais e econômicas da metrópole eram responsabilizadas da mesma forma pelo crime de O'Sullivan. Além disso, reside em *The Primrose Path* características de uma literatura urbana "capaz de captar os sentimentos ainda ambivalentes de uma época de intensas transformações materiais e sensíveis" (GRUNER, 2012, p. 86). Afinal, assim como em outros exemplares destas ficções de crime urbano, o homicídio de Katey é perpetrado no espaço doméstico, onde os personagens, e quiçá seus leitores, deveriam se sentir seguros e confortáveis, protegidos dos efeitos perniciosos das ruas da metrópole.

A literatura de crime, gênero de ficção que prolifera nos setores da cultura escrita e no mercado editorial na segunda metade do século XIX, torna-se responsável por circunscrever, em um contexto de crescimento urbano desenfreado, o risco representado pelos lugares de vulnerabilidade social, ao mesmo tempo em que enreda os atores responsáveis pela ordem pública, tornando-se assim um importante objeto cultural que estrutura a percepção do crime e do criminoso. De modo simultâneo, contribui para organizar a esfera pública, por intermédio de retratos de papel e letras, nos quais uma refinada sensibilidade moderna se entrelaça a sentimentos de medo e insegurança. Os folhetins e os romances de crime tornam-se neste período formas privilegiadas de narrativas que demarcam a entrada progressiva,

sobretudo na Inglaterra e na França, de um regime midiático, almejando o mesmo modo de produção imposto pela emergente indústria cultural, isto é, periodicidade, racionalização e divisão do trabalho, padronização e serialização. Além disso, galgava suportes semelhantes para a ampla circulação, alimentados por uma acentuada expansão do mercado editorial e, sobretudo desde a década de 1870, um índice crescente do público leitor, condicionado às práticas de leitura, pelo menos na Inglaterra, pelas recentes campanhas de letramento (KALIFA, 1999, p. 1345-6; BRANTLINGER, 1998).

Mais do que simples marco das atitudes políticas com relação à alfabetização e ao letramento naquele período, a promulgação do *Elementary Education Act*, introduzido pelo Partido Liberal na Inglaterra em 1870 e que formalizou a escolarização compulsória para crianças entre sete e treze anos de idade, foi alvo de acalorados debates a respeito de seus efeitos imediatos. O projeto reafirmava concepções culturais baseadas no humanismo liberal, ao defender a aptidão individual e coletiva para atingir a auto-realização intelectual por meio da educação (JORDAN, WEEDON, 1995, p. 25). Nos decênios seguintes, muitos intelectuais consideraram o Ato Educacional como um sucesso moderado, ou ainda um fracasso parcial, pois supostamente não havia almejado êxito no seu desafio de moralizar as “classes perigosas” e tampouco diminuir o crime, embora tenham elevado o nível de letramento entre as camadas menos abastadas (BRANTLINGER, 1998, p. 174-175). Estes debates a respeito da força moralizadora da leitura em determinados grupos sociais estava inserida em um contexto no qual se diluíam as fronteiras entre “classes pobres” e “classes perigosas”, o que resultava em uma “suspeição generalizada” e associação direta entre a pobreza e a periculosidade (CHALHOUB, 1996, p. 22-24).

Como afirmou o historiador Dominique Kalifa a respeito do caso francês e das relações entre a imprensa diária e os romances de crime, a experiência da modernidade urbana no Oitocentos enredou um sentimento de fragilidade, de incompreensão, de diluição das identidades e das aparências, o que levou homens de letras e das ciências ao escrutínio do mundo social para tentar compreendê-lo e, se necessário, corrigi-lo (KALIFA, 1999, p. 1359). As ficções literárias, a imprensa periódica e as emergentes ciências dedicadas ao estudo e categorização de mulheres e homens criminosos – a

criminologia antropológica italiana, ou de vertente sociológica na França – articulam de modo progressivo relações recíprocas que visavam identificar os lugares de vulnerabilidade urbana, capaz de produzir representações e mobilizar práticas de ressignificação e interpretação do mundo social. Em *The Primrose Path*, as referências às ações repressivas de autoridades policiais e a ineficácia das instituições sociais para o amparo de problemas urbanos vistos como estruturais, quais sejam, o desemprego ou o alcoolismo, não estão dissociados de inquirições a respeito de elementos natos que condicionariam o criminoso irlandês.

Subjacente à derrocada de Jerry O’Sullivan, Stoker produziu uma narrativa de expatriação, ao explorar as dificuldades socioeconômicas e o destino de irlandeses das classes menos abastadas que, incapazes de perseverar em uma Irlanda que ainda sentia os efeitos das epidemias e crises de produção de alimentos na metade do século, optavam pela difícil migração aos centros urbanos, particularmente Londres. Assim como seu personagem, o literato aspirava ao mundo das ribaltas, pois no período em que publicou *The Primrose Path*, Stoker escrevia críticas teatrais para periódicos dublinenses. O fato de que publicava textos em jornais londrinos e impressos irlandeses evidencia que o romancista, em sua trajetória intelectual, estava negociando espaços de expressão de seu posicionamento enquanto intelectual. Sua identidade anglo-irlandesa possibilitava-o situar-se em um lugar fronteiriço, permitindo vazão a posicionamentos díspares na sua ficção de crime, de modo a admitir as perturbações raciais de operários e migrantes irlandeses, suscetíveis aos vícios alcoólicos, mas também a enfatizar, tal qual outros observadores sociais e intelectuais do período, o caráter monstruoso da pobreza extrema na metrópole londrina, a “cidade onde mora o diabo” (STOKER, 1875, p. 315).

### **O retorno de Margaret Delandre: degenerescência, crime e racialidade em *The Secret of the Growing Gold***

Se, em *The Primrose Path*, o anglo-irlandês fez uso do alcoolismo e das influências do ambiente social degradado para apresentar o crime

enquanto condição das classes operárias e de imigrantes, o literato abordava no conto *The Secret of the Growing Gold* (1892), publicado originalmente na revista ilustrada *Black & White*, a hipótese da mácula hereditária e da falência genética entre as elites. Por intermédio de uma narrativa de violência familiar e vingança sobrenatural, o autor articulava um cenário ficcional demarcado pela força do declínio racial e da ameaça simbólica da miscigenação. Estas ansiedades, estruturadas a partir de uma ardilosa crítica social direcionada ao destino racial e incapacidade de protagonismo social e político das classes mais abastadas, eram novamente perpassadas, no conto de Stoker, pelo homicídio de esposas, proposição sugestiva do modo como o literato traduzia preocupações com o crime e a degenerescência no âmago da intimidade e do mundo doméstico. Ademais, estas sensibilidades edulcoradas por sentimentos de medo e insegurança, pela violência de gênero e periculosidade racial, atuam como vetores para a capacidade do texto literário em cristalizar “formas de apreensão e de olhar sobre a realidade de uma época” (PESAVENTO, 2004, p. 225), perpassadas por relações simbióticas entre a imaginação literária, a criminalidade e a variação racial.

No eixo anglófono, as narrativas que tratavam do crime desempenharam um importante papel na constituição de um imaginário da cidade e das multidões cidadinas, além de ocupar lugar essencial nos processos de definição e construção das identidades e subjetividades de gênero, raça e classe social. As chamadas *sensation novels*, verdadeiras *best-sellings* no mercado editorial e na imprensa periódica a partir das décadas de 1850 e 1860, frequentemente envolviam crimes misteriosos, escândalos sexuais e inquéritos judiciais, nos quais imagens de conspiração e segredos de família traduziam os contrastes e contatos entre distintas classes sociais. Narrativa emblemática da força social da literatura em promover figurações do crime, *The Woman in White* (1859), de Wilkie Collins – trama centrada na impostura e na conspiração familiar para usurpar a herança de uma jovem – incorpora certo modelo forense em sua narrativa, pois os múltiplos narradores contam a história como testemunhas de um inquérito, e deriva de um contexto demarcado pela promulgação recente do *Police Act* de 1856, ato legislativo que reafirmou a ideia de que o crime constituía um problema

intelectual para ser solucionado ou interpretado, e não apenas punido (SUTHERLAND, 2005, p. 28-29).

As novelas de sensação, que combinavam elementos da ficção gótica e do melodrama vitoriano, focavam em segredos ameaçadores que visavam expor a identidade de indivíduos proeminentes: um filho ilegítimo que intenta assumir o título de baronete e aprisiona o verdadeiro herdeiro em um asilo; uma mulher da classe operária que assassina o esposo e muda seu verdadeiro nome para se casar com um cavalheiro das elites dirigentes; empregadas que se deitam nos leitos de seus patrões para fornecer herdeiros e esconder as traições de suas senhoras. Estas situações, exploradas em romances como *East Lynne* (1861), de Ellen Wood, *Foul Play* (1869) de Charles Reade, e *Lady Audley's Secret* (1862), de Mary Elizabeth Braddon, atuavam diretamente nas ansiedades sociais das classes médias a respeito de seu status e da estabilidade de sua identidade de classe, particularmente em um período de renovação dos movimentos cartistas e da aprovação de reformas eleitorais que estenderam o sufrágio a populações urbanas, em especial aos homens das *working classes* na metade do século (THOMAS, 2005, p. 180).

O homicídio era um elemento recorrente nas novelas de sensação, e poderia tornar-se fonte de particular ansiedade, pois se ambientava comumente no cerne do espaço doméstico e no âmago das classes médias, e, com frequência, mobilizava detetives profissionais e amadores para a resolução dos incidentes. Em 1891, quando Bram Stoker uniu-se a outros vinte e três romancistas iniciantes e experientes para produzir um projeto literário coletivo, *The Fate of Fenella*, serializada pelo impresso *The Gentlewoman* entre novembro de 1891 e maio de 1892, o anglo-irlandês incorporou no capítulo de sua autoria, *Lord Castleton Explains*, as relações entre loucura e crime passional, além de abordar temas como o excesso sexual e o sonambulismo. Ao assassinato do vilanesco De Murger, Stoker introduz a possibilidade de que Onslow, o esposo da titular Fenella, tenha sido o algoz, sob o efeito de algum “transe hipnótico” (STOKER, 1892, p. 139). A relação entre estados de mente alterados e comportamentos delinquentes relacionava-se a uma questão central nas contendas intelectuais do período, sobretudo entre médicos e juristas: a atribuição da responsabilização criminal. Estas



questões já atormentavam o literato pelo menos desde a década anterior, quando publicou o conto *The Dualitists: or, the Death Doom of the Double Born*, no periódico *The Theatre Annual* em 1886. A trama abordava dois jovens traquinas, Harry Merford e Tommy Santon, responsáveis por um incidente que acarreta na brutal morte de dois bebês gêmeos e de seus pais.

Na narrativa de Stoker, os algozes eram dotados de “almas ousadas, ambições imponentes, naturezas impetuosas” (STOKER, 1886, p. 20) desde a infância, de modo que o germe da criminalidade e o gosto pela violência ficavam evidentes nos garotos, cujas mentes “não eram de estado normal” (STOKER, 1886, p. 25). Assim como os homens das colônias e as mulheres histéricas, a limitação intelectual das crianças era um *leitmotiv* nos diálogos entre a literatura e a medicina vitoriana, pois representavam exemplos de primitivismo ou retrocesso na escala evolutiva. Médicos e literatos estavam convictos de que o comportamento do criminoso e sua estrutura anormal seriam “o fruto mórbido de um processo de degenerescência caracterizado por uma interrupção do desenvolvimento no estágio infantil” (DARMON, 1991, p. 53). O efeito de influências mórbidas, dentre as quais a epilepsia, a sífilis, o alcoolismo e o traumatismo, agravariam a condição individual e conduziriam o criminoso nato e seus descendentes à delinquência. O padrão ficava evidente nos crimes cometidos pelos garotos Tommy e Harry em *The Dualitists*, e o caráter impune no encerramento da trama sugere a ineficácia das instituições sociais e deixa em relevância as limitações das bases tradicionais do sistema penal inglês.

Estes exemplos deixam evidente que os elementos creditados enquanto determinantes do crime, sejam eles de caráter sócio-econômico ou estritamente biológico, bem como a preocupação em torno da atribuição da responsabilidade criminal, constavam nas interpretações literárias mobilizadas pela ficção de Bram Stoker na imprensa periódica. Os textos literários em questão integravam uma densa rede intertextual que no último quartel do século XIX dedicava-se a narrar e problematizar a questão da criminalidade, além de desempenhar importante papel na constituição de um *imaginário social* a respeito do crime, conceito profundamente relacionado ao simbolismo e à imaginação enquanto forças motrizes dos constrangimentos cotidianos. Ao “designar o inimigo no plano simbólico”

e “cristalizar e ampliar os temores e esperanças difusos” (BACZKO, 1985, p. 316), as figurações do crime enredadas nestas ficções literárias almejavam circunscrever os lugares de vulnerabilidade social, além de sugerir as limitações das instituições públicas responsabilizadas para o tratamento penal. Por intermédio de seus personagens, Stoker evocava a insegurança e a vulnerabilidade como sintomáticos de um contexto de recrudescimento dos níveis de criminalidade, mesmo dentre as elites dirigentes, ao exemplo do elemento especulativo em seu capítulo de *The Fate of Fenella*. Não obstante, o “consolo para a sensação de desconforto viria de outro discurso, que não o literário e jornalístico, consciente ou inconscientemente mais disposto a ressaltar o incômodo ao invés de aplacá-lo” (GRUNER, 2012, p. 90).

Afinal, a emergência de campos científicos dedicados ao estudo do crime, e dos elementos sociais ou biológicos que condicionariam homens e mulheres à delinquência, no entrecruzamento de teorias evolucionistas, deterministas e raciais, demarca as tentativas e os debates de médicos e juristas acerca da responsabilidade criminal. Quando Havelock Ellis publicou seu *The Criminal* no início da década de 1890, inspirado pelas contribuições de Lombroso e de seus discípulos da criminologia italiana, o médico londrino identificava um aparente estado de retraimento nos estudos a respeito da delinquência dentre os ingleses. Contudo, naquele período, inúmeros médicos, alienistas e juristas, sobretudo empregados no sistema penal inglês, repudiavam os modelos interpretativos oriundos das escolas criminológicas continentais, as quais pressupunham um conhecimento apriorístico dos “tipos criminosos”. As teorias lombrosianas do criminoso nato eram vistas como destituídas de rigorosidade científica, e eram problematizadas em favor de abordagens que priorizassem o estudo minucioso de casos individuais. Apesar da desconfiança diante da criminologia de vertente antropológica, a análise da documentação produzida por juristas e criminologistas ingleses evidencia uma recorrência constante a particularidades físicas e indicadores mentais associados com determinadas formas de crime (DAVIE, 2005).

Nas últimas décadas do século, uma série de circunstâncias levou a uma exacerbação das teorias acerca da criminalidade na Inglaterra, sobretudo a recusa das colônias em aceitar delinquentes, o crescimento dos centros urbanos, a expansão e consolidação das unidades policiais, e as

discussões em torno da degenerescência racial. Estes elementos levaram intelectuais e pesquisadores sociais do *fin-de-siècle* a organizar classificações científicas dos tipos degenerados, sobretudo dos criminosos, capazes de orientar as distinções legislativas no tratamento de recidivistas e de delinquentes sem histórico policial. Nos relatórios policiais da década de 1890, os criminosos não eram considerados diretamente como riscos revolucionários, mas sim como ameaças à qualidade do processo civilizador. Ademais, a noção de civilização, para estes intelectuais, era carregada com um senso de missão imperial: a criminalidade ameaçava não somente a nação inglesa, mas também a raça anglo-saxônica como um todo (PICK, 1996, p. 183-184), igualmente minada, ou assim o acreditavam, pelos efeitos danosos da modernidade ou pela miscigenação com as chamadas “raças inferiores”. Como bem afirma Arthur Herman, “havia um consenso crescente de que uma onda de degeneração varria a paisagem da Europa industrial, deixando em seu rastro desordens tais que incluíam o aumento da pobreza, do crime, do alcoolismo, da perversão moral e da violência política” (HERMAN, 1999, p. 121).

A hipótese da degenerescência, que acarretaria em um retrocesso evolucionário e o ressurgimento de características animais ou ancestrais, passou a integrar as discussões em torno dos condicionantes hereditários da criminalidade. Embora o conceito de degenerescência tenha sido aplicado pelo médico alienista francês Bénédict Augustin Morel, em sua obra *Traité des Dégénérescences* (1857), na constituição de quadros etiológicos das doenças mentais, no último quartel do século a noção foi incorporada por intérpretes que visavam mapear os lugares de vulnerabilidade social, comumente apontando uma miríade de signos biológicos capazes de exteriorizar a condição degenerada de indivíduos e grupos sociais. A publicação do ensaio do médico e jornalista austríaco Max Nordau, *Degeneration* (1892), galgou atenção especial ao identificar os efeitos perniciosos da degenerescência na arte e na literatura finissecular.

Nas bases ideológicas e políticas das teorias degeneracionistas, residiam as ambiguidades do pensamento político liberal, o qual, por um lado, compreendia a dignidade e a liberdade dos seres humanos como parte intrínseca de sua natureza e, por outro, utilizava destes mesmos princípios

para legitimar desigualdades sociais ao enfatizar que as diferenças naturais explicariam os motivos pelos quais alguns grupos eram dotados de maior competência para assumir responsabilidades e comandar, em detrimento de outros, destinados à obediência e subordinação (MARTINS, 2004, p. 30). Ao realizar uma reflexão circunstanciada a respeito da migração irlandesa para centros urbanos em *The Primrose Path*, Stoker não ignora as peculiaridades raciais – a “natureza sensual” de Jerry O’Sullivan – de irlandeses, sobretudo das camadas menos abastadas, mas também não encontra-se alheio às condições sócio-econômicas que levam homens “fortes e trabalhadores” aos vícios do alcoolismo e ao homicídio.

Embora destituídos de figura fundacional no que se refere às escolas criminológicas, literatos e romancistas, médicos alienistas e juristas ingleses igualmente digladiaram-se em torno da “condição da questão inglesa”: crença exacerbada de que o aspecto insular não era capaz de preservar a qualidade racial anglo-saxônica. O destaque recaía sobre os escritos do psiquiatra Henry Maudsley após a publicação do seu *The Pathology of Mind* (1879). Ao incorporar de modo crítico as tipologias de criminosos sugeridas por Césare Lombroso, Maudsley problematizou as teses que pressupunham um conhecimento *a priori* do louco e do criminoso, em favor da análise das condições da “psicologia individual”. Às classes de criminosos “essenciais”, isto é, condicionados por caracteres biológicos e hereditários, e aos delinquentes “ocasionais”, movidos a agir por circunstâncias sociais, Maudsley sugere uma terceira categoria distinta, a qual incorpora aqueles que atuam sob a influência de alguma enfermidade, ao exemplo do “epiléptico que comete homicídio sob o estranho estado de uma consciência anormal” ou os “pacientes maníacos e melancólicos que sacrificam as vidas dos outros submetidos à influência de ilusões avassaladoras” (MAUDSLEY, 1888, p. 162). Nestas narrativas médicas, denotam-se preocupações que ecoavam em urgir à constituição de políticas públicas capazes de lidar com os índices de criminalidade, particularmente na área londrina de East End, próximo da região portuária onde se concentravam os subúrbios de operários e imigrantes. Problemas considerados estruturais para estas zonas – o alcoolismo, por exemplo – eram interpretados como potenciais causas para a degenerescência urbana.

A intoxicação alcoólica, alvo da crítica elaborada por Stoker em seu *The Primrose Path*, era atribuído pelas teorias degeneracionistas como uma das principais causas para o declínio racial. Seu abuso contínuo, comumente associado aos homens e mulheres das classes operárias, seria capaz de alterar de modo radical a constituição psicofisiológica do indivíduo, transmitida hereditariamente à sua prole. Para médicos e juristas, o alcoolismo constituía uma problemática central na questão acerca de como lidar com indivíduos explicitamente perigosos, mas que muitas vezes agiam de modo irresponsável e sob efeito do comportamento embriagado. Sobretudo após a década de 1870, passou a ser relacionado por médicos franceses ao caos revolucionário, derivado dos excessos patológicos que, acreditavam, caracterizariam o radicalismo político do proletariado. Em *The Primrose Path*, a irracionalidade operária ficava demarcada no botequim, no qual dois operários “estavam brigando no centro da sala com toda a intensidade e a ferocidade de feras selvagens”, agarrando “selvagemmente a garganta e os cabelos um do outro”. Os efeitos físicos e morais do álcool estavam evidentes para Stoker, ao enfatizar “os homens pálidos, bêbados, de aparência desgastada e com olheiras. Homens que outrora foram fortes e trabalhadores, e justos como qualquer um de nós” (STOKER, 1875, p. 331).

Os temores da degenerescência, manifesta por intermédio da violência de gênero – o assassinato de esposas – percorre e assombra de modo significativo parte da produção literária de Bram Stoker, em especial em *The Secret of the Growing Gold*. O conto inicia-se com uma apresentação das genealogias de seus protagonistas, Geoffrey Brent e Margaret Delandre, localizando-os em ramos familiares cujo passado era coevo à história da ocupação territorial da Inglaterra. Aos Delandres, descendentes de nobres espanhóis, Stoker atribuía uma característica central: o declínio “geração após geração”, “decaindo pouco a pouco, os homens depressivos e insatisfeitos, bebendo até morrerem, e as mulheres trancafiadas nos lares, casando-se com seus próximos – ou com homens piores” (STOKER, 1892, p. 118). Nos Brents, Stoker vislumbrava “algo similar, mas demonstrando as causas da decadência na sua forma aristocrática e não na forma plebéia”. Geoffrey Brent, por exemplo, era descrito no início da trama como um homem dotado de uma “beleza obscura, aquilina e

dominante”, componente de um “tipo de raça desgastada, manifestando em si algumas das suas mais brilhantes qualidades e em outras a sua mais intensa degradação” (STOKER, 1892, p. 118).

A referência à “beleza aquilina” de Geoffrey Brent evidencia a incorporação de ideias lombrosianas pela escrita literária de Stoker, pois, ao discutir as fisiognomias dos criminosos natos, o criminologista italiano destacava a incidência do “olhar vidrado, frio, imóvel, [...] e frequentemente possuem nariz aquilino tal qual o bico de uma ave de rapina” (LOMBROSO, 1896, p. 275). Por extensão, a incursão ao passado familiar de seus protagonistas demonstra que o romancista desempenhava uma análise do aspecto hereditário do crime e da degenerescência, elementos intensificados em “certas classes de indivíduos” (STOKER, 1892, p. 118). A despeito das rivalidades históricas entre as duas famílias, Geoffrey e Margaret casam-se e a herdeira dos Delandres muda-se para a mansão de seu esposo. Contudo, o casamento estava longe de ser idílico, pois “nem Margaret e tampouco Geoffrey eram de um temperamento pacífico” (STOKER, 1892, p. 118), e as brigas tornavam-se constantes. Durante uma viagem pelo interior da Europa continental, um acidente acaba por vitimar Margaret, quando sua carruagem despenca de um precipício. Um ano após o desaparecimento de Margaret, Geoffrey casa-se com uma dama italiana, que inicia reformas na mansão ancestral dos Brents. Em certa noite, Margaret regressa e aparece viva para seu irmão Wykham, com a face repleta de cicatrizes e marcas do acidente, “feições distorcidas e olhos ardentes que pouco pareciam humanos” (STOKER, 1892, p. 119). Com ânsias de vingança, Margaret acusa seu marido de ter causado o acidente que a deixara terrivelmente desfigurada.

A herdeira dos Delandres parte para a mansão de Brent, onde é assassinada pelo marido, seu corpo escondido entre as pedras da residência, e, para garantir que não fosse descoberto, Geoffrey Brent ordena que as reformas fossem interrompidas. Contudo, noite após noite, tufo de cabelo louro começam a emergir das rachaduras em uma lareira marmórea, na forma de uma acusação sobrenatural do crime cometido. O conto encerra-se com a descoberta dos cadáveres de Brent e de sua esposa italiana, vitimados pelo horror ou pela retaliação sobrenatural da mulher morta. Em

*The Secret of the Growing Gold*, os cabelos louros de Margaret desempenham uma função significativa, pois atuam como demarcadores de sua condição racial, o que a identifica como uma anglo-saxônica. Seu assassinato e a subsequente substituição por uma estrangeira fértil de cabelos negros demarcam os temores de invasão e miscigenação racial, metaforizados pela represália sobrenatural da vítima (HEININGER, 2011).

Em *The Primrose Path*, Stoker visou identificar as relações entre o ambiente social e a degradação física e moral de operários anglo-irlandeses, proposição alinhavada às interpretações sociais que, a partir de metáforas raciais, minavam as camadas menos abastadas de modo a fixar uma imagem da pobreza para delimitar seu território (BRESCIANI, 2012, p. 151). Contudo, em *The Secret of the Growing Gold*, o letrado abordou a hipótese do degeneracionismo nas elites nobiliárquicas, as quais eram vistas, de modo emergente, como inaptas a sobreviver em tempos de profunda transformação social, e passaram a ser retratadas como perniciosas e socialmente isoladas, ao exemplo dos Brents, que Stoker imaginava como uma estirpe outrora dedicada a atos de bravura e honra, seguida por uma “dissipação egoísta que os marcou e minou seu vigor” (STOKER, 1892, p. 118). A despeito das características físicas de Geoffrey Brent, o personagem encontrava-se destituído de traços cavaleirescos e viris, tornando-se incapaz de gerar herdeiros saudáveis que garantissem a continuidade de sua linhagem racial.

Tanto o assassinato de Margaret Delandre quanto o destino trágico de Brent e sua esposa estrangeira assinalam a possibilidade do declínio e eventual extinção das elites dirigentes de ascendência anglo-saxônica. Se cotejado com outros romances do letrado, os quais eram protagonizados por homens e mulheres oriundos das fronteiras étnicas e geográficas, tais como o anglo-australiano Adam Salton e a anglo-burmesa Mimi Watford em *The Lair of the White Worm*, evidencia-se que as esperanças de Stoker residiam nestas personagens demarcadas por certo hibridismo racial, mas dotadas de boa dose de heroísmo, potência reprodutora, capacidade de ação, força e resistência. Na óptica do literato, a questão do crime e da violência, particularmente contra o corpo feminino, não estava desassociada dos contrastes e atritos entre classes sociais, particularmente entre as emergentes classes médias, as quais passam a ocupar lugar de destaque nos

espaços da política e da economia em um esforço constante de autodefinição sociocultural, e a aristocracia, associada a muitos de seus críticos a uma categoria de homens parasitários e moralmente dúbios.

Como se vê, estas ficções, profundamente entrelaçadas às ansiedades e às sensibilidades partilhadas por setores da intelectualidade finissecular, foram gestadas a partir de hostilidades sociais e das relações heterogêneas cultivadas entre estes letrados e as experiências da modernidade urbana. Figurações do crime e da degenerescência portavam consigo temores a respeito da falência racial, da degradação social nos centros urbanos, dos vícios e taras que relativizavam a condição humana, aproximando-a de um retrocesso na escala evolutiva. A atenção aos perfis fisiognômicos dos personagens – a “natureza sensual” de Jerry O’Sullivan e a “beleza aquilina” de Geoffrey Brent – atua como indicadores de suas condições perigosas. Nos folhetins e contos aqui analisados, os assassinatos de jovens mulheres por seus esposos entrelaçam-se a preocupações relacionadas a questões de raça e nação, nas quais ganha força uma ideia de criminalidade enquanto desdobramento de determinantes raciais ou biológicos. Contudo, a despeito da incursão literária às fisiognomias aquilinas e “naturezas impetuosas” dos personagens criminosos, Stoker não ignorava as condições sociais, tanto nas camadas menos abastadas quanto nas elites dirigentes, setores em que, em um misto de crítica social e ansiedade política, o letrado circunscrevia os efeitos mais evidentes da degenerescência.

### **Considerações finais**

O folhetim *The Primrose Path*, que integrava as incursões inaugurais de Bram Stoker pela ficção literária, revestia-se com um tom de advertência moral, e centrava-se nas relações entre a migração irlandesa aos centros urbanos, a criminalidade e o alcoolismo. Por meio de seu protagonista, Stoker reafirmou estereótipos que recaíam sobre os operários irlandeses, acusados pela imprensa britânica de serem desordeiros e suscetíveis aos vícios alcoólicos, mas, como pode ser evidenciado pela narrativa literária, Jerry O’Sullivan e sua esposa Katey eram igualmente vistos como



vítimas da truculência policial, da crise econômica derivada das greves e das condições sociais nos bairros periféricos londrinos. Ao descrever a trajetória de O’Sullivan, Stoker reforçava uma tendência comum a muitas narrativas do período que imaginavam a metrópole enquanto lugar simultâneo de civilização e vício, sintomática dos embaraços de muitos intelectuais oitocentistas diante das experiências da modernidade urbana, particularmente do fenômeno das multidões, vistas como uma nova manifestação de barbárie e ameaça ao processo civilizatório (GRUNER, 2012, p. 82; COCHART, 1991).

A ideia de degenerescência, que nutria os temores e inseguranças de muitos homens e mulheres a respeito da condição primitiva que supostamente se escondia sob a frágil e fina camada da civilidade moderna, foi mobilizada por Stoker em sua escrita literária, particularmente nas suas incursões a respeito das características raciais dos seus personagens criminosos. As referências à fisionomia de seus criminosos, as menções aos formatos de crânio e coloração capilar, bem como a evidente recorrência do termo “raça”, demonstram que o literato estava se movendo no âmago de uma miríade de práticas e discursos que, ao longo do século XIX, produziram interpretações díspares a respeito da variação humana. Ao perscrutar os crimes de Geoffrey Brent em *The Secret of the Growing Gold*, Stoker reforçava, de modo simultâneo, a hipótese do esgotamento hereditário entre as elites e a ameaça da miscigenação racial, bem como a possibilidade da degenerescência no cerne da raça anglo-saxônica. O assassinato de Margaret Delandre, tal qual o destino trágico de Geoffrey e sua esposa italiana, sugerem cenários de extinção de ramos familiares anglo-saxônicos, entregues aos vícios e taras, e, portanto, incapazes de garantir sua descendência.

Esta literatura de crime publicada na imprensa periódica compartilha preocupações comuns a outros campos de conhecimento científico que, no último quartel do século XIX, visavam identificar e cercear os estigmas que marcavam a criminalidade moderna e os tipos criminosos, subprodutos do atavismo e da degenerescência. Portanto, enquanto fonte de inesgotáveis subsídios para a análise histórica, as ficções literárias evidenciam impressões de sensibilidades e sentimentos historicamente produzidos

em uma intersecção estratégica entre o indivíduo e o tecido de relações sociais e discussões intelectuais que integrava. Os monstros e criminosos que pululam dos textos literários de Bram Stoker, portanto, devem ser interpretados enquanto metáforas de suas ansiedades e hostilidades sociais, ao incorporar em suas narrativas muitos dos medos e inseguranças que cercavam as vivências nos centros urbanos ao *fin-de-siècle*.

## Referências

### Documentação primária

- BEDDOE, J. *The races of Britain, a contribution to the anthropology of Western Europe*. Bristol: J. W. Arrowsmith, 1885.
- CATALOGUE of valuable books, autograph letters and illuminated and other manuscripts – the property of Bram Stoker, esq. Londres: Dryden Press, 1913.
- LOMBROSO, C. Discours d’ouverture du VIe Congrès d’anthropologie Criminelle. *Archives d’Anthropologie Criminelle, de Criminologie et de Psychologie Normale et Patologique*, v. 23, 1906.
- \_\_\_\_\_. *L’Uomo Delinquente*. Torino: Fratelli Bocca, 1896. v. 1.
- MAUDSLEY, H. Remarks on Crime and Criminals. *The Journal of Mental Science*, v. 34, n. 146, p. 159-167, 1888.
- STOKER, A. [Bram]. The Primrose Path. *The Shamrock*, v. 12, 13 fev.-6 mar., 1875.
- \_\_\_\_\_. *Drácula*. Londres: Penguin, 1994.
- \_\_\_\_\_. Lord Castleton Explains. *The Gentlewoman*, v. 4, n. 82, p. 138-139, 1892.
- \_\_\_\_\_. The dualitists; or, the death doom of the double born. *The Theatre Annual: Containing Stories, Reminiscences and Verses*, p. 18-29, 1886.
- \_\_\_\_\_. *The Lair of the White Worm*. Londres: Penguin, 2008.
- \_\_\_\_\_. The Secret of the Growing Gold. *Black & White*, v. 3, n. 51, p. 118-121, 1892.

**Obras de apoio**

- BACZKO, B. A imaginação social. In: LEACH, E. et. al. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 296-330.
- BELFORD, B. *Bram Stoker: a biography of the author of Dracula*. Nova York: Knopf, 1996.
- BRANTLINGER, P. *The reading lesson: the threat of mass literacy in Nineteenth-Century Britain*. Bloomington: Indiana University Press, 1998.
- BRESCIANI, S. A compaixão na política como virtude republicana. In: BREPOHL, M.; CAPRARO, A. M.; GARRAFFONI, R. S. (Org.). *Sentimentos na história: linguagens, práticas, emoções*. Curitiba: UFPR, 2012.
- BRETAS, M. L.; GRUNER, C. Apresentação: Dossiê História Cultural do Crime. *Revista História: Questões & Debates*, v. 64, n. 1, p. 5-13, 2016.
- CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHARTIER, R. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Formas e sentido – cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- COCHART, D. As multidões e a Comuna: análise dos primeiros escritos sobre a psicologia das multidões. *Revista Brasileira de História*, v. 10, n. 20, p. 113-128, 1991.
- DARMON, P. *Médicos e assassinos na Belle Époque: a medicalização do crime*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- DAVIE, N. L'impact de l'anthropologie criminelle en Grande-Bretagne (1880-1918). *Criminocorpus: histoire de la criminologie*, v. 4. 2005.
- ELIOT, S. The business of Victorian publishing. In: DAVID, D. *The Cambridge Companion to the Victorian Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 37-60.
- FERREIRA, A. C. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GAY, P. *A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud – a paixão terna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GLOVER, D. Vampires, mummies and liberals: questions of character and modernity. In: LYNCH, J. (Org.). *Dracula, Bram Stoker: critical insights*. Salem: Salem Press, 2009, p. 218-251.
- GRUNER, C. *Paixões torpes, ambições sórdidas: transgressão, controle social, cultura e sensibilidade moderna em Curitiba, fins do século XIX e início do XX*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- HEINIGER, A. Undead Blond Hair in the Victorian Imagination: The Hungarian Roots of Bram Stoker's "The Secret of the Growing Gold". *AHEA-Journal of the American Hungarian Educators Association*, v. 4, p. 1-11, 2011.
- HERMAN, A. *A ideia de decadência na história ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- JORDAN, G.; WEEDON, C. *Cultural politics: class, gender, race and the postmodern world*. Oxford: Blackwell, 1995.
- KALIFA, D. Usages du faux. Faits divers et romans criminels au XIXe siècle. *Annales*, v. 54, n. 6, p. 1345-1362, 1999.
- MARTINS, A. P. V. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2004.
- MEYER, M. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MOLLIER, J. Y. A história do livro e da edição: um observatório privilegiado do mundo mental dos homens do século XVIII ao século XX. *Varia Historia*, v. 25, n. 42, p. 521-537, 2009.
- PESAVENTO, S. J. Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004, p. 221-236.
- PICK, D. *Faces of Degeneration*. Cambridge: University of Cambridge, 1996.
- REVEL, J. *Proposições: ensaios de história e historiografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

- SCHWARTZ, V. R. *Spectacular Realities: early mass culture in fin-de-siècle Paris*. Berkeley: University of California Press, 1998.
- SUTHERLAND, J. *Victorian fiction: writers, publishers, readers*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- THOMAS, R. R. Detection in the Victorian Novel. In: DAVID, D. (Org). *The Cambridge Companion to the Victorian Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 169-191.
- TRAUBEL, H. *With Walt Whitman in Camden*. Philadelphia: University of Philadelphia Press; Oxford: Oxford University Press, 1953. v. 4.